

Na terra dos animais falantes

Richard Zimler

Os meus pais e eu estávamos de férias em Tavira, num pequeno hotel junto ao mar. De manhã cedo, a mãe levava-me a passear pela praia, e a certa altura revelou-me que o meu brinquedo favorito quando era bebé era uma pena branca de mocho que tinha encontrado num trilho no Parque Natural de Montesinho. Eu costumava abaná-la e rir de alegria. Disse-me que nesse momento percebeu que eu queria ser pássaro.

– É verdade, sempre quis voar – admiti.

Abriu os braços para criar asas imaginárias e confidenciou-me:

– Eu também.

Será que o meu desejo de me transformar em pássaro conseguiu convencer a ave que eu estava prestes a conhecer a mostrar-me que sabia falar?

Na nossa quarta noite em Tavira não consegui dormir, à custa de tanto pensar na nossa cadelinha, Miss Marble. Tinha estado doente nos últimos meses. E duas semanas antes de partirmos para Tavira, o meu pai levou-a ao veterinário e voltou para casa sozinho. Sentou-se comigo na cama e pegou-me na mão. Explicou-me que Miss Marble se tinha ido embora e que encontrara a paz e a tranquilidade que merecia.

– Então, nunca mais a vou ver? – perguntei.

– Receio que não, filho.

A mãe entrou no quarto e prometeu que me levaria ao canil público de Lisboa algumas semanas mais tarde para podermos escolher um cachorro, mas respondi que só queria Miss Marble.

Ela era castanha e pequena – o tamanho perfeito para saltar para o meu colo depois de jogarmos às escondidas. Mesmo velhinha, abanava a pequena cauda e guinchava de excitação sempre que eu a chamava para um passeio. Lá fora, farejava os postes de iluminação, os pneus dos carros e as portas das casas. Uma vez, encontrou uma moeda de dois euros debaixo de uma folha. Comprei uma bola de sorvete de manga. Lambia-a eu, depois ela. A malandra comeu

mais do que eu porque tinha a língua mais rápida e comprida, mas eu não me importei, porque depois agradeceu-me saltando-me para os braços e lambendo-me a cara toda.

A doença dela fez com que deixasse de querer passear ou jogar à bola comigo. A mãe explicou-me que sofria de artrite. Às vezes, o pai levava-a para a minha cama e ela aninhava-se toda contra mim. Eu abraçava-a e dava-lhe beijinhos. Quando a via muito cansada e triste, esfregava-lhe a barriga e sussurrava:

– Estou contigo e nunca te deixarei. – Quando tremia de dor, eu cantava-lhe. Mas não sei se nesses momentos me ouvia. Às vezes, eu ficava tão triste que perdia a voz.

A música favorita de Miss Marble era a *Sr. Extraterrestre*. Uivava em coro com a voz da Gisela João quando punha o CD no leitor. Às vezes eu uivava também.

Era de manhã que eu mais sentia a sua falta. Assim que acordava, lembrava-me de que nunca mais a iria abraçar. Às vezes, as lágrimas eram tantas que nem conseguia ver.

Nessa altura, discutia muito com os meus pais. E comecei a brigar com os meus amigos. Nenhum deles queria falar comigo sobre as saudades que eu tinha de Miss Marble, o que me deixava furioso. Apetecia-me fugir de casa ou ser outra pessoa – um adulto. Até gritei aos meus pais que este ano não queria ir à praia.

Mas viemos. E, como já mencionei, na quarta noite no hotel acordei depois da meia-noite. Fui à varanda para olhar para as estrelas. Havia milhares delas espalhadas pelo céu. Parecia que me diziam: «Estaremos aqui para ti sempre que precisares.» Imaginei que era Miss Marble a falar através delas, por isso respondi: «Vem acordar-me se não conseguires dormir, que eu faço-te festinhas na barriga.»

Um som estranho vindo do pequeno jardim do hotel fez-me virar. Vi um mocho empoleirado no topo de um oleandro. As luzes do hotel ao lado criavam uma auréola por trás dele. Viam-se-lhe os olhos dourados, grandes e muito desconfiados – como se me achasse um intruso na casa dele.

– Olá – comecei, para tentar acalmá-lo. – Os meus pais e eu... estamos hospedados aqui.

– Boa noite – respondeu.

– Sabes falar! – exclamei.

– É uma surpresa assim tão grande?

A ave tinha uma voz profunda e musical – como as melodias que o meu pai tocava no violoncelo.

– Mas como é que consegues falar? Não faz sentido.

– Fazer sentido às vezes não faz sentido nenhum.

– Não entendo.

– A maioria das pessoas diria que falar com as estrelas é ridículo.

– Estou-me nas tintas para o que diria a maioria das pessoas! – retorqui, zangado.

– Não fiques irritado, concordo contigo. Eu cá falo com as estrelas com bastante frequência.

– O que é que lhes dizes?

– Agradeço-lhes por me guiarem nas minhas idas e vindas. Sei sempre onde estou por causa da luz delas.

– Vives aqui perto?

– A um curto voo de distância. E tu moras em Lisboa, não é, Nuno?

– Sim, mas como é que sabes o meu nome?

– Sei quase tudo o que tu sabes.

– Como é que isso é possível?

– Ora bem, é um segredo.

– Podes dizer-me, que eu não conto a ninguém.

Voou em círculo por cima do oleandro e pousou-me no ombro. As garras beliscaram-me o tecido da camisa quando se aproximou da minha cabeça. Encostou a pontinha do bico no meu ouvido e sussurrou:

– Sei o que sabes, porque nascemos no mesmo dia, no mesmo ano, no mesmo lugar.

– Isso não me parece possível.

– Talvez não, mas é verdade. Poderia até dizer-se que tu e eu somos gémeos.

– Tenho um gémeo mocho?

– Sim, é por isso que a tua mãe te deu uma pena minha. Ela sabe da ligação entre nós.

– Como te chamas? – perguntei.

– Francisco.

– Um dia vou acabar por ter penas e asas?

– Já as tens – afirmou.

– Não estou a perceber – confessei.

– Porque eu também tenho. E as minhas asas são tuas. Levo-te aonde quiseres.

Quero ir aonde está Miss Marble, pensei

O Francisco deve ter adivinhado os meus pensamentos.

– Não, esse é um lugar aonde não te posso levar – lamentou.

– Porque não?

– Não sei onde ela está. E, mesmo que soubesse, duvido muito que pudesse voar até lá.

Fiquei desapontado.

– Bom, de qualquer forma, és demasiado pequeno para me carregares às costas.

– Achas que sim?

Saltou-me do ombro e aterrou na grade. Depois, fitou-me com uma expressão desafiadora e começou a crescer. Foi crescendo, crescendo até ficar duas vezes maior do que eu.

– Como é que fizeste isso? – perguntei.

Piscou os olhos.

– Magia! – segredou-me.

– És um ser mágico?

– Todos nós somos, mas isso é outro segredo. – Saltou para o chão da varanda e inclinou-se para frente. – Agora, sobe para as minhas costas e agarra-te com toda a força.